

Ataliba T. de Castilho

NOVA

Gramática do
**Português
Brasileiro**

SUMÁRIO

Nova gramática do português brasileiro: tradição e ruptura.....	25
<i>Prefácio de Rodolfo Ilari</i>	
Introdução	31
Como consultar esta gramática	35
1. O que se entende por língua e por gramática.....	41
Teorias sobre a língua e a gramática.....	41
1.1. A língua é um conjunto de produtos estruturados: Gramática Descritiva	42
1.1.1. Postulados da Gramática Descritiva.....	45
1.1.2. Procedimentos metodológicos da Gramática Descritiva	46
1.1.3. Unidades da Gramática Descritiva	48
1.1.3.1. O fonema	48
1.1.3.2. A sílaba	50
1.1.3.3. O morfema.....	51
1.1.3.4. A palavra	54
1.1.3.5. O sintagma.....	55
1.1.3.6. A sentença	58
1.2. A língua é um conjunto de processos estruturantes: Gramática Funcionalista	59
1.2.1. Formalismo e funcionalismo na reflexão gramatical	64
1.2.2. Postulados da teoria multissistêmica funcionalista-cognitivista	69
1.2.2.1. Postulado 1: a língua se fundamenta num aparato cognitivo	69
1.2.2.2. Postulado 2: a língua é uma competência comunicativa.....	71
1.2.2.3. Postulado 3: as estruturas linguísticas não são objetos autônomos.....	73
1.2.2.4. Postulado 4: as estruturas linguísticas são multissistêmicas	76
1.2.2.5. Postulado 5: a língua é pancrônica – a explicação linguística	77
1.2.2.6. Postulado 6: um dispositivo sociocognitivo ordena os sistemas linguísticos....	78
1.2.2.6.1. Princípio da ativação: a projeção pragmática	79
1.2.2.6.2. Princípio da reativação: a correção	80
1.2.2.6.3. Princípio da desativação: a elipse.....	80
1.2.3. Diálogo da teoria multissistêmica com outras teorias	81

1.3. A língua é um conjunto de produtos e de processos em mudança: Gramática Histórica.....	84
1.3.1. O comparatismo e o método histórico-comparativo.....	84
1.3.2. O neogramaticismo e a centralidade da fonética.....	84
1.3.3. O estruturalismo e a centralidade da fonologia.....	86
1.3.4. O gerativismo e a centralidade da sintaxe.....	87
1.3.5. O variacionismo, o funcionalismo e a centralidade dos usos	87
1.4. A língua é um conjunto de “usos bons”: Gramática Prescritiva	90
1.4.1. Norma gramatical	90
1.4.2. Norma lexical.....	92
1.4.3. Norma ortográfica.....	92
1.4.3.1. História da ortografia portuguesa	92
1.4.3.2. O novo Acordo Ortográfico de 1990	94
1.5. Uma política linguística para o português brasileiro	96
1.5.1. O que é política linguística	96
1.5.2. Ensino do português brasileiro como língua materna.....	97
1.5.2.1. Os destinatários do ensino do português brasileiro como língua materna.....	99
1.5.2.2. Diretrizes para o ensino do português brasileiro.....	99
1.5.2.3. Particularidades do ensino do português como língua materna	100
1.5.3. Ensino do português brasileiro como língua estrangeira.....	102
1.5.4. Atuação das universidades oficiais no ensino do português brasileiro como língua materna.....	104
1.5.4.1. Documentação do português brasileiro	105
1.5.4.2. Descrição e história do português brasileiro.....	106

2. Os sistemas linguísticos.....109

A língua como um multissistema.....	109
2.1. Léxico.....	109
2.1.1. O que é léxico, o que é lexicalização?.....	109
2.1.2. O vocabulário e o dicionário	111
2.1.2.1. Definição das palavras.....	111
2.1.2.2. Redação do verbete.....	112
2.1.2.3. Tipologia de dicionários.....	112
2.1.3. Lexicalização: etimologia, neologia, empréstimo	113
2.1.3.1. Por etimologia	113
2.1.3.2. Por neologia	113
2.1.3.3. Por empréstimo	114
2.1.3.3.1. Empréstimos do substrato linguístico	114
2.1.3.3.2. Empréstimos do superstrato linguístico.....	115
2.1.3.3.3. Estrangeirismos.....	117
2.1.4. Relexicalização: derivação, composição	117
2.1.5. Deslexicalização: a morte das palavras.....	117

2.2. Semântica	122
2.2.1. O que é semântica, o que é semanticização?	122
2.2.2. Categorias semânticas	123
2.2.2.1. Dêixis e foricidade	123
2.2.2.2. Referenciação	126
2.2.2.3. Predicação	127
2.2.2.4. Verificação	129
2.2.2.5. Inferência e pressuposição	130
2.2.2.6. Metáfora e metonímia	131
2.2.2.7. Conectividade	133
2.2.3. Semancização: ação do DSC no sistema da semântica	133
2.3. Discurso	133
2.3.1. O que é discurso, o que é discursivização? Disciplinas do Discurso.....	133
2.3.2. Categorias cognitivas constitutivas do discurso: moldura e perspectiva.....	135
2.3.3. Categorias sociais constitutivas do discurso: os interlocutores.....	136
2.3.4. Categorias discursivas constitutivas do texto.....	137
2.3.5. Discursivização: ação do DSC no sistema do discurso	137
2.4. Gramática	138
2.4.1. O que é gramática, o que é gramaticalização?	138
2.4.2. Disciplinas da Gramática	140
2.4.2.1. Fonética e Fonologia. A transcrição fonética e a transcrição fonológica..	140
2.4.2.2. Morfologia. A transcrição morfológica	144
2.4.2.3. Sintaxe. A transcrição sintática	144
2.4.3. Processos de gramaticalização	145
2.4.3.1. Fonologização	145
2.4.3.2. Morfologização	147
2.4.3.2.1. Morfologização do radical.....	147
2.4.3.2.2. Morfologização nominal	148
2.4.3.2.3. Morfologização verbal.....	149
2.4.3.3. Sintaticização	155
2.4.3.4. Síntese da gramaticalização.....	156
2.4.4. Repetição e constituição da sentença na língua falada	156
2.4.4.1. Repetição e constituição do sintagma nominal	159
2.4.4.2. Repetição e constituição do sintagma verbal	161
2.4.5. Gramaticalização: a ação do DSC no sistema da gramática	163

3. História do português brasileiro169

História social, mudança gramatical.....	169
3.1. História social do português brasileiro	171
3.1.1. Expansão do português europeu pelo mundo.....	173
3.1.2. Lusitanização do Brasil: ocupação do território, origens do colono português	174
3.1.3. Índios do Brasil.....	177

3.1.4. Africanos trazidos ao Brasil	180
3.1.5. Migrantes europeus chegados ao Brasil	182
3.1.6. Novas perspectivas sobre a história social do PB	183
3.2. Mudança gramatical do português brasileiro.....	184
3.3. Formação do português brasileiro, ou por que o português brasileiro é como é?	185
3.3.1. Já existe uma língua brasileira, que representa uma evolução biológica do português europeu?	186
3.3.2. O português brasileiro deriva de um crioulo?	186
3.3.3. O português brasileiro é uma continuação do português arcaico?	189
3.3.4. Principais diferenças entre o português brasileiro e o português europeu	192
3.3.5. A hora e a vez do português brasileiro	194
4. Diversidade do português brasileiro	197
A heterogeneidade do português brasileiro.....	197
4.1. Variação geográfica.....	198
4.1.1. A Dialectologia brasileira.....	198
4.1.2. Falares brasileiros	201
4.1.3. Falares fronteiriços	203
4.2. Variação sociocultural.....	204
4.3. Variação individual	211
4.3.1. O registro: PB formal e PB informal	211
4.3.2. A idade: português de crianças e de adultos	212
4.3.3. O sexo: português de homens e de mulheres.....	212
4.4. Variação de canal.....	212
4.4.1. Português falado	212
4.4.1.1. Histórico dos estudos sobre a oralidade.....	212
4.4.1.2. Metodologia para os estudos da oralidade: a gravação e a transcrição	214
4.4.1.3. Caracterização da língua falada	215
4.4.1.4. Agenda para uma “sintaxe colaborativa”	216
4.4.1.5. A contribuição brasileira	219
4.4.2. Português escrito	219
4.4.2.1. Caracterização da língua escrita: processos e produtos.....	220
4.4.2.2. O <i>continuum</i> língua falada-língua escrita	222
4.5. Variação temática: português corrente e português técnico	223
5. A conversação e o texto	225
Estudando a conversação e o texto.....	225
5.1. A conversação	225
5.1.1. Transcrição conversacional	226
5.1.2. Turnos conversacionais e pares adjacentes.....	227

5.1.3. Sistema de correção	228
5.1.4. Marcadores discursivos	229
5.2. O texto	230
5.2.1. Transcrição textual	231
5.2.2. Tópico discursivo: unidade discursiva, parágrafo e quadro tópico como manifestações da discursivização	232
5.2.3. Reformulação do quadro tópico: repetição e paráfrase como manifestações da rediscursivização	233
5.2.3.1. Repetição	234
5.2.3.2. Paráfrase	234
5.2.4. Descontinuação do quadro tópico: parentetização e digressão como manifestações da desdiscursivização	236
5.2.4.1. Parentetização	236
5.2.4.2. Digressão	236
5.2.5. Conexão textual	237
5.3. Gêneros discursivos	239
5.4. Tradições discursivas	241
6. Primeira abordagem da sentença	243
O problema da predicação	243
6.1. Propriedades gramaticais da sentença	248
6.1.1. Propriedades fonológicas	248
6.1.2. Propriedades sintáticas I: a sentença é um conjunto de sintagmas	249
6.1.3. Propriedades sintáticas II: a sentença é um conjunto de funções atribuídas aos sintagmas	250
6.2. Propriedades semânticas da sentença	252
6.2.1. Sentença e apresentação	253
6.2.2. Sentença e papéis temáticos	253
6.3. Propriedades discursivas da sentença: a interface sentença/discurso	258
6.3.1. Sentença e processamento da informação	258
6.3.2. Sentença e atos de fala	259
6.4. Princípio de projecção	259
6.4.1. O princípio de projecção e a transitividade: estrutura argumental da sentença	262
6.4.1.1. Casos gramaticais	264
6.4.1.2. Argumentos e adjuntos	265
6.4.1.3. Preenchimento dos lugares argumentais; ruptura da fronteira sintática	267
6.4.1.3.1. Preenchimento dos lugares argumentais	267
6.4.1.3.2. Ruptura das fronteiras sintáticas	267
6.4.2. O princípio de projecção e a colocação	268
6.4.2.1. Ordem de base vs. ordem marcada	269
6.4.2.2. Movimento de constituintes e de traços	270

6.4.3. O princípio de projeção e a concordância	272
6.4.3.1. Concordância nominal.....	273
6.4.3.2. Concordância verbal.....	273
6.5. A argumentação sintática.....	273
6.5.1. Paráfrase.....	274
6.5.2. Comutação (ou proporcionalidade)	274
6.5.3. Focalização.....	274
6.5.4. Elisão (ou omissão)	275
6.5.5. Movimento de constituintes.....	276
Considerações finais	276
7. Estrutura funcional da sentença	277
Retomando o princípio de projeção	277
7.1. Construção de tópico.....	279
7.1.1. Propriedades sintáticas.....	279
7.1.2. Propriedades discursivas	285
7.1.3. Propriedades semânticas.....	285
7.2. Absolutivo.....	286
7.2.1. Propriedades sintáticas.....	286
7.2.2. Propriedades discursivas	288
7.2.3. Propriedades semânticas.....	288
7.3. Sujeito	289
7.3.1. Propriedades sintáticas do sujeito	289
7.3.1.1. Classes de preenchimento do sujeito.....	290
7.3.1.2. Colocação do sujeito	290
7.3.1.3. Sujeito e categoria vazia	293
7.3.2. Propriedades discursivas do sujeito.....	295
7.3.2.1. Sondagem psicopragmática do tema-sujeito	295
7.3.2.2. Constituição do tema-sujeito por derivação do rema	295
7.3.3. Propriedades semânticas do sujeito.....	296
7.3.3.1. Animacidade/não animacidade	297
7.3.3.2. Referencialidade/não referencialidade.....	297
7.3.3.3. Determinação/indeterminação	297
7.4. Complementos: objeto direto, objeto indireto, complemento oblíquo	298
7.4.1. O objeto direto	300
7.4.1.1. Classes de preenchimento do objeto direto.	
Objeto direto e categoria vazia.....	301
7.4.1.2. Colocação do objeto direto	304
7.4.2. O objeto indireto	304
7.4.3. O oblíquo.....	305

7.5. Adjuntos.....	306
7.5.1. Adjuntos adnominais	308
7.5.1.1. Adjuntos adnominais predicativos	308
7.5.1.2. Adjuntos adnominais de verificação: os classificadores.....	309
7.5.1.3. Adjuntos adnominais dêiticos.....	309
7.5.2. Adjuntos adverbiais.....	309
7.5.2.1. Adjuntos adverbiais predicativos	309
7.5.2.2. Adjuntos adverbiais não predicativos de verificação	310
7.5.3. Adjuntos adsentenciais.....	311

8. Minissentença e sentença simples: tipologias313

Ainda o princípio de projeção.....	313
8.1. A minissentença	313
8.1.1. Minissentença nominal.....	317
8.1.2. Minissentença adjetival.....	318
8.1.3. Minissentença adverbial.....	319
8.1.4. Minissentença preposicional	320
8.2. Modalidade e tipologia da sentença simples.....	321
8.2.1. Sentenças asseverativas.....	322
8.2.1.1. Asseverativas afirmativas.....	323
8.2.1.2. Asseverativas negativas.....	323
8.2.2. Sentenças interrogativas.....	324
8.2.2.1. Interrogativas diretas.....	324
8.2.2.2. Interrogativas indiretas	326
8.2.2.3. Interrogativas finalizadas por marcadores discursivos.....	326
8.2.3. Sentenças imperativas	327
8.2.3.1. Imperativas diretas	327
8.2.3.2. Imperativas indiretas.....	327
8.3. Estrutura argumental e tipologia da sentença simples.....	328
8.3.1. Sentenças não argumentais.....	329
8.3.2. Sentenças monoargumentais.....	329
8.3.2.1. Sentenças apresentacionais ou existenciais	329
8.3.2.2. Sentenças ergativas	331
8.3.2.3. Sentenças atributivas	332
8.3.2.4. Sentenças equativas	332
8.3.3. Sentenças biargumentais.....	334
8.3.3.1. Sentenças transitivas diretas.....	334
8.3.3.2. Sentenças transitivas indiretas	334
8.3.3.3. Sentenças transitivas oblíquas.....	335
8.3.4. Sentenças triargumentais.....	335
8.4. As prossentenças.....	336
Considerações finais	336

9. A sentença complexa e sua tipologia.....337

Combinação de sentenças e gramaticalização de conjunções	337
9.1. A coordenação.....	346
9.1.1. Estatuto da coordenação	346
9.1.2. Coordenadas aditivas	349
9.1.2.1. Propriedades sintáticas de <i>e</i>	349
9.1.2.2. Propriedades discursivas de <i>e</i>	350
9.1.3. Coordenadas adversativas.....	351
9.1.3.1. Propriedades discursivas de <i>mas</i>	352
9.1.3.2. Propriedades semântico-sintáticas de <i>mas</i>	353
9.2. A subordinação.....	355
9.2.1. Estatuto da subordinação.....	355
9.2.2. Subordinadas substantivas.....	356
9.2.2.1. Gramaticalização das conjunções integrantes.....	356
9.2.2.2. Propriedades lexicais da sentença matriz.....	357
9.2.2.3. Propriedades gramaticais	359
9.2.2.3.1. Sentença matriz e projeção de argumentos.....	359
9.2.2.3.2. Colocação das substantivas	359
9.2.2.3.3. Correlação modo-temporal entre a matriz e a substantiva.....	359
9.2.2.3.4. Gramaticalização do verbo da sentença matriz.....	360
9.2.2.4. Propriedades semânticas da sentença matriz.....	361
9.2.2.4.1. A matriz contém verbos e adjetivos epistêmicos asseverativos ..	361
9.2.2.4.2. A matriz contém verbos e adjetivos epistêmicos dubitativos	362
9.2.2.4.3. A matriz contém verbos e adjetivos de modalização deontica... ..	363
9.2.2.4.4. A matriz contém verbos e adjetivos de modalização pragmática ..	363
9.2.2.5. Propriedades discursivas	364
9.2.2.5.1. Matriz apresentacional.....	364
9.2.2.5.2. Matriz declarativa	365
9.2.2.5.3. Matriz evidencial	365
9.2.2.5.4. Matriz volitiva	365
9.2.3. Subordinadas adjetivas.....	366
9.2.3.1. Sintaxe das adjetivas	366
9.2.3.1.1. Estratégias de relativização e tipologia das sentenças adjetivas..	366
9.2.3.1.2. Funções do pronome relativo	368
9.2.3.1.3. A adjetiva livre	369
9.2.3.2. Semântica das adjetivas	370
9.2.3.2.1. Restritivas ou determinativas	370
9.2.3.2.2. Explicativas ou apositivas.....	370
9.2.3.2.3. Restritivas finais	371
9.2.3.2.4. Restritivas causais	371

9.2.4. Subordinadas adverbiais	371
9.2.4.1. Causais	374
9.2.4.2. Condicionais	375
9.2.4.3. Finais	377
9.2.4.4. Concessivas	377
9.2.4.5. Temporais.....	379
9.2.5. Subordinadas não conjuncionais infinitivas, gerundiais, participiais	380
9.2.5.1. Sentenças infinitivas	380
9.2.5.2. Sentenças gerundiais	381
9.2.5.3. Sentenças participiais	384
9.3. A correlação	384
9.3.1. Estatuto da correlação.....	384
9.3.2. Correlatas aditivas	388
9.3.3. Correlatas alternativas.....	388
9.3.4. Correlatas comparativas.....	389
9.3.5. Correlatas consecutivas	390
Considerações finais	390

10. O sintagma verbal.....391

Estrutura do sintagma verbal	391
10.1. Estatuto categorial do verbo	392
10.1.1. Propriedades gramaticais do verbo	392
10.1.2. Propriedades semânticas do verbo	396
10.1.3. Propriedades discursivas do verbo	396
10.2. Descrição do núcleo verbal.....	396
10.2.1. Sintaxe do verbo	396
10.2.1.1. Verbo e estrutura argumental da sentença. Tipologia dos predicados	396
10.2.1.2. Gramaticalização do verbo	397
10.2.1.2.1. Gramaticalização de <i>ser</i> e <i>estar</i>	397
10.2.1.2.2. Gramaticalização de <i>ter</i> e <i>haver</i>	402
10.2.1.3. Tipologia do sintagma verbal.....	407
10.2.1.3.1. Sintagma verbal simples.....	408
10.2.1.3.2. Sintagma verbal composto: as perífrases e as formas nominais do verbo	408
10.2.1.3.3. Sintagma verbal complexo: o verbo-suporte.....	410
10.2.1.4. Concordância verbal.....	411
10.2.1.5. Colocação do verbo	413
10.2.1.6. Elipse do verbo	414

10.2.2. Semântica do verbo	414
10.2.2.1. Estudos sobre a semântica do verbo	414
10.2.2.1.1. As sistematizações de Aristóteles e de Halliday	414
10.2.2.1.2. Uma distinção básica: apresentação vs. predicação	415
10.2.2.1.3. Classes acionais do verbo	416
10.2.2.2. Categorias semânticas do verbo.....	417
10.2.2.2.1. Aspecto verbal.....	417
10.2.2.2.2. Tempo.....	431
10.2.2.2.3. Voz	436
10.2.2.2.4. Modo	437
10.2.3. Discurso e verbo: o verbo no texto.....	441
10.2.3.1. Verbo apresentativo e inserção de tópico discursivo	442
10.2.3.2. O tempo presente e a dissertação.	
Os tempos do passado e a narração.....	442
10.2.3.3. Transitividade e discurso.....	443
10.3. Descrição dos especificadores.....	443
10.3.1. O problema da auxiliabilidade	444
10.3.2. O estatuto das perífrases	447
10.3.3. Especificadores de tempo: <i>ter + do, ir + r</i>	450
10.3.3.1. Perífrases de particípio	450
10.3.3.2. Perífrases de infinitivo	450
10.3.4. Especificadores de aspecto: <i>estar + ndo</i>	451
10.3.4.1. Perífrases de particípio	451
10.3.4.2. Perífrases de infinitivo	451
10.3.4.3. Perífrases de gerúndio	451
10.3.5. Especificadores de modo: <i>dever, querer, poder + r</i>	451
10.3.5.1. Perífrases de infinitivo	451
10.3.6. Especificadores de voz.....	452
10.3.6.1. Perífrases de particípio	452
10.4. Descrição dos complementadores.....	452
11. O sintagma nominal	453
Estrutura do sintagma nominal	453
11.1. Estatuto categorial do substantivo	455
11.2. Descrição do núcleo nominal.....	457
11.2.1. Sintaxe do substantivo.....	457
11.2.1.1. Funções sentenciais do substantivo	457
11.2.1.2. Substantivos e transitividade	457
11.2.1.3. Nominalização	457
11.2.1.4. Estrutura argumental dos substantivos	459

11.2.1.5. Colocação dos constituintes do sintagma nominal	460
11.2.1.6. Concordância nominal.....	461
11.2.2. Semântica do substantivo	462
11.2.2.1. Substantivo e teoria da referência. Substantivo e espaços mentais	462
11.2.2.2. Substantivo e traços semânticos inerentes	466
11.2.2.2.1. Substantivos contáveis/não contáveis	467
11.2.2.2.2. Substantivos humanos/não humanos.....	468
11.2.2.2.3. Substantivos comuns/próprios	468
11.2.3. O substantivo no texto: referênciação e fluxo informacional	469
11.2.3.1. Inserção de tópico novo	469
11.2.3.2. Derivação referencial: repetição e inferência	470
11.2.3.3 Encadeamento temático.....	471
11.2.3.3.1. Tema caótico	471
11.2.3.3.2. Tema constante	471
11.2.3.3.3. Tema derivado.....	472
11.2.3.3.4. Tema fendido	472
11.3. Estatuto categorial dos pronomes	472
11.4. Descrição do núcleo pronominal.....	476
11.4.1. Sintagmas nominais nucleados por pronomes pessoais	476
11.4.1.1. Reorganização do quadro dos pronomes pessoais:	
alteração, criação, substituição e perda.....	478
11.4.1.2. Perdas e ganhos no quadro dos reflexivos.....	480
11.4.1.3. Transformação progressiva dos pronomes pessoais	
em morfemas prefixais de pessoa.....	482
11.4.1.4. Colocação dos clíticos no PB.....	483
11.4.2. Sintagmas nominais nucleados por pronomes neutros	485
11.4.2.1. Sintagmas nominais nucleados por demonstrativos neutros.....	486
11.4.2.2. Sintagmas nominais nucleados por quantificadores indefinidos	486
11.4.3. Sintagmas nominais nucleados por pronomes adverbiais	487
11.5. Descrição dos Especificadores	488
11.5.1. O artigo	489
11.5.1.1. Propriedades gramaticais do artigo	490
11.5.1.2. Propriedades semânticas do artigo	493
11.5.1.3. Propriedades discursivas do artigo	493
11.5.2. Os demonstrativos.....	495
11.5.2.1. Propriedades gramaticais dos demonstrativos.....	496
11.5.2.2. Propriedades semânticas dos demonstrativos	497
11.5.2.3. Propriedades discursivas dos demonstrativos.....	500
11.5.3. Os possessivos.....	501
11.5.3.1. Propriedades gramaticais dos possessivos.....	503
11.5.3.2. Propriedades semânticas dos possessivos.....	504
11.5.3.3. Propriedades discursivas dos possessivos.....	504

11.5.4. Os quantificadores indefinidos.....	505
11.5.4.1. Propriedades gramaticais dos quantificadores indefinidos.....	507
11.5.4.2. Propriedades semânticas dos quantificadores indefinidos.....	508
11.5.4.3. Propriedades discursivas dos quantificadores indefinidos.....	509
11.6. Descrição dos Complementadores.....	510
12. O sintagma adjetival	511
Estrutura do sintagma adjetival	511
12.1. Estatuto categorial do adjetivo	511
12.1.1. Diferenças morfológicas entre adjetivo e substantivo	511
12.1.2. Diferenças sintáticas entre adjetivo e substantivo	512
12.2. Descrição do núcleo.....	516
12.2.1. Sintaxe do adjetivo	517
12.2.1.1. Adjetivo como adjunto adnominal, encaixado no sintagma nominal....	518
12.2.1.2. Adjetivo como núcleo de minissentença, encaixado no sintagma verbal.....	518
12.2.1.3. Adjetivo como adjunto adsentencial	518
12.2.1.4. Transitividade do adjetivo	518
12.2.1.5. Concordância do adjetivo	519
12.2.1.6. Colocação do adjetivo	520
12.2.2. Semântica do adjetivo	523
12.2.2.1. Adjetivos predicativos.....	524
12.2.2.1.1. Modalizadores.....	524
12.2.2.1.2. Qualificadores	526
12.2.2.1.3. Quantificadores.....	529
12.2.2.2. Adjetivos de verificação	531
12.2.2.2.1. Classificadores.....	532
12.2.2.2.2. Pátrios.....	532
12.2.2.2.3. Gentílicos	532
12.2.2.2.4. De cor	532
12.2.2.3. Adjetivos dêiticos	534
12.2.2.3.1. Locativos.....	534
12.2.2.3.2. Temporais.....	534
12.2.3. O adjetivo no texto	535
12.2.3.1. Adjetivo na narração e na descrição	535
12.2.3.2. Adjetivo e status informacional	536
12.2.3.3. Adjetivo e eixo argumentativo	537
12.3. Descrição dos especificadores.....	537
12.4. Descrição dos complementadores.....	538

13. O sintagma adverbial.....541

Estrutura do sintagma adverbial..... 541

13.1. Estatuto categorial do advérbio..... 542

13.2. Descrição do núcleo..... 544

13.2.1. Sintaxe do advérbio..... 544

13.2.1.1. Funções sentenciais do advérbio..... 545

13.2.1.1.1. Advérbio quase argumental..... 545

13.2.1.1.2. Advérbio como adjunto..... 546

13.2.1.1.3. Advérbio como marcador gramatical
de argumentos e adjuntos 547

13.2.1.2. Advérbio e transitividade:
estrutura argumental do advérbio..... 549

13.2.1.2.1. Advérbios intransitivos..... 549

13.2.1.2.2. Advérbios transitivos 549

13.2.1.2.3. Advérbios dêiticos e estruturas de redobramento sintático 549

13.2.1.3. Colocação do sintagma adverbial 550

13.2.2. Semântica do advérbio..... 551

13.2.2.1. Advérbios predicativos 552

13.2.2.1.1. Advérbios modalizadores 553

13.2.2.1.2. Advérbios qualificadores..... 558

13.2.2.1.3. Advérbios quantificadores..... 565

13.2.2.2. Advérbios de verificação..... 571

13.2.2.2.1. Advérbios focalizadores..... 572

13.2.2.2.2. Advérbios de inclusão e exclusão 575

13.2.2.2.3. Advérbios de afirmação e negação 576

13.2.2.3. Advérbios dêiticos..... 578

13.2.2.3.1. Advérbios dêiticos de lugar..... 579

13.2.2.3.2. Advérbios dêiticos de tempo 579

13.2.3. O advérbio no texto..... 579

13.2.3.1. Advérbios e gêneros discursivos..... 579

13.2.3.2. Advérbios e conectivos textuais 581

13.3. Descrição dos especificadores..... 582

13.4. Descrição dos complementadores..... 582

14. O sintagma preposicional583

Estrutura do sintagma preposicional..... 583

14.1. Estatuto categorial das preposições..... 583

14.1.1. Preposições simples..... 587

14.1.2. Preposições complexas..... 588

14.1.3. Gramaticalização das preposições	589
14.1.3.1. Recategorização de outras classes	589
14.1.3.2. Regramaticalização de preposições.....	590
14.1.3.3. Desaparecimento de preposições.....	590
14.2. Descrição do núcleo	591
14.2.1. Sintaxe da preposição	591
14.2.1.1. Escopo da preposição	592
14.2.1.1.1. Sintagma nominal.....	592
14.2.1.1.2. Outro sintagma preposicional	592
14.2.1.1.3. Sintagma adverbial	592
14.2.1.1.4. Sentença com verbo em forma nominal	592
14.2.1.2. Funções do sintagma preposicional:	
argumentos, adjuntos, construções de tópico.....	592
14.2.1.2.1. Sintagmas preposicionais funcionando	
como argumentos preposicionados.....	592
14.2.1.2.2. Sintagmas preposicionais funcionando	
como adjuntos adverbiais e adnominais	593
14.2.1.3. Verbos e seleção de preposições	593
14.2.1.3.1. Verbos de movimento/direção	593
14.2.1.3.2. Verbos de transferência.....	594
14.2.1.3.3. Verbos de comunicação	594
14.2.1.3.4. Verbos de criação/produção	594
14.2.1.3.5. Verbos de complemento final.....	594
14.2.1.3.6. Verbos de aproximação/união/semelhança	595
14.2.1.3.7. Outros verbos.....	595
14.2.1.4. Colocação dos sintagmas preposicionais na sentença	595
14.2.2. Semântica das preposições.....	596
14.2.2.1. Preposições do eixo espacial horizontal	596
14.2.2.2. Preposições do eixo espacial vertical	600
14.2.2.3. Preposições do eixo espacial transversal.....	601
14.2.2.4. Preposições do eixo espacial proximal/distal	604
14.2.2.5. Preposições do eixo espacial continente/conteúdo.....	606
14.2.3. As preposições no texto.....	608
14.2.3.1. Construções de tópico preposicionadas.....	608
14.2.3.2. Expressões de conectividade textual.....	609
14.3. Descrição dos especificadores.....	609
14.4. Descrição dos complementadores.....	609

15. Algumas generalizações sobre a gramática do português brasileiro.

A reflexão gramatical.....611

A pesquisa continua	611
---------------------------	-----

15.1. Algumas generalizações sobre a gramática do português brasileiro	612
15.1.1. Representação da categoria de <i>PESSOA</i>	613
15.1.2. Representação da categoria de <i>COISA</i>	614
15.1.3. Representação das categorias de <i>ESPAÇO</i> e <i>TEMPO</i>	615
15.1.4. Representação da categoria de <i>MOVIMENTO</i>	616
15.1.5. Representação da categoria de <i>QUALIDADE</i>	617
15.1.6. Representação da categoria de <i>QUANTIDADE</i>	618
Anexo: Mais sobre a categoria de <i>MOVIMENTO</i>	619
15.2. A reflexão gramatical, ou, no dia em que virei linguista-gramático.....	623
15.2.1. Escolha de um problema e da perspectiva teórica.....	623
15.2.2. Formulação das hipóteses de trabalho	625
15.2.2.1. Análise da conversação	627
15.2.2.2. Análise do texto	627
15.2.2.3. Análise da sentença.....	627
15.2.2.4. Análise das palavras	628
15.2.3. O <i>corpus</i> de análise e a organização dos dados	628
15.2.4. Redação do trabalho e comparação dos resultados obtidos	630
15.2.4.1. Título e autor	630
15.2.4.2. Resumo.....	630
15.2.4.3. Apresentação.....	630
15.2.4.4. Capítulos e suas seções	630
15.2.4.5. Conclusões e referências bibliográficas	630
15.2.5. Arranjo temático da bibliografia	631
15.3. Sugestões de projetos	649
15.3.1. Pesquisando a diversidade do português brasileiro.....	649
15.3.1.1. A variação geográfica.....	649
15.3.1.2. A variação sociocultural.....	649
15.3.1.3. A variação individual.....	649
15.3.1.4. A língua falada	650
15.3.1.5. A língua escrita	650
15.3.2. Pesquisando o texto e sua organização.....	650
15.3.2.1. Processos constitutivos do texto	650
15.3.2.2. Os textos enquanto produtos.....	651
15.3.3. Pesquisando a estrutura funcional da sentença	651
15.3.3.1. Construções de tópico.....	651
15.3.3.2. Propriedades gramaticais do sujeito sentencial	651
15.3.3.3. Concordância do verbo com o sujeito.....	652
15.3.3.4. Propriedades gramaticais do objeto direto	652
15.3.3.5. Adjuntos adverbiais	652
15.3.3.6. Ordem preferida de figuração das funções sentenciais	652

15.3.4. Pesquisando a sentença simples e sua tipologia.....	652
15.3.4.1. A minissentença.....	652
15.3.4.2. Como é mesmo que damos ordens ou apresentamos um pedido?	653
15.3.4.3. Como a sintaxe nos ajuda a introduzir participantes numa cena linguística	653
15.3.4.4. Há um campeonato aí entre verbos mono, bi e triargumentais. Quem está levando a melhor?.....	653
15.3.5. Pesquisando a sentença complexa e sua tipologia	653
15.3.5.1. A sentença coordenada aditiva.....	653
15.3.5.2. A sentença coordenada adversativa	654
15.3.5.3. A sentença subordinada substantiva conjuncional.....	654
15.3.5.4. A sentença subordinada adjetiva	654
15.3.5.5. A sentença subordinada adverbial conjuncional	654
15.3.5.6. A sentença subordinada não conjuncional	654
15.3.5.7. A sentença correlata e a gramaticalização das conjunções redobradas...	655
15.3.6. Pesquisando o sintagma verbal.....	655
15.3.6.1. Sintagma verbal simples: estrutura argumental do verbo	655
15.3.6.2. Sintagma verbal simples: verbos apresentacionais existenciais	655
15.3.6.3. Os verbos <i>ter</i> e <i>haver</i> como verbos plenos	655
15.3.6.4. Os verbos <i>ter</i> e <i>haver</i> como verbos auxiliares	655
15.3.6.5. Os verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> como verbos plenos	656
15.3.6.6. Os verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> como verbos auxiliares	656
15.3.7. Pesquisando o sintagma nominal.....	656
15.3.7.1. Primeira descrição do sintagma nominal	656
15.3.7.2. Sintagma nominal de núcleo nominal: estrutura argumental dos nomes abstratos e deverbais	656
15.3.7.3. Sintagma nominal de núcleo pronominal: pronomes pessoais	657
15.3.7.4. Sintagma nominal: pronomes demonstrativos.....	657
15.3.7.5. Sintagma nominal: pronomes possessivos	657
15.3.7.6. Os quantificadores definidos.....	657
15.3.7.7. Os quantificadores indefinidos	657
15.3.7.8. Definitude vs. indefinitude textual.....	658
15.3.8. Pesquisando o sintagma adjetival.....	658
15.3.8.1. Funções sentenciais do sintagma adjetival	658
15.3.8.2. Estrutura argumental do adjetivo.....	658
15.3.8.3. Concordância do adjetivo	658
15.3.8.4. Colocação do adjetivo	658
15.3.8.5. O adjetivo como núcleo de minissentença.....	659
15.3.8.6. Os adjetivos modalizadores.....	659
15.3.8.7. Os adjetivos qualificadores	659
15.3.8.8. Os adjetivos delimitadores qualificadores e quantificadores	659
15.3.8.9. Os adjetivos aspectualizadores	659
15.3.8.10. Os adjetivos dêiticos	659
15.3.8.11. Os adjetivos verificadores de cor	660

15.3.9. Pesquisando o sintagma adverbial.....	660
15.3.9.1. Primeiras explorações sobre o sintagma adverbial predicativo	660
15.3.9.2. Colocação dos advérbios predicativos	660
15.3.9.3. Colocação do advérbio dêitico locativo e temporal.....	660
15.3.9.4. Funções sentenciais do sintagma adverbial predicativo	660
15.3.9.5. Processos de delimitação adjetival e adverbial.....	661
15.3.9.6. Sintagma adverbial predicativo.....	661
15.3.10. Pesquisando o sintagma preposicional	661
15.3.10.1. Sintagma preposicional: preposições mais gramaticalizadas	661
15.3.10.2. Sintagma preposicional: preposições menos gramaticalizadas.....	661
15.3.10.3. Sintagmas preposicionais em função de adjunto adnominal	662
15.3.10.4. Sintagmas preposicionais em função de adjunto adverbial	662
15.3.10.5. Preposições simples e preposições complexas	662
Glossário	663
Índice de matéria	697
Bibliografia	713
O autor	767

NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: TRADIÇÃO E RUPTURA

Prefácio de Rodolfo Ilari

Nova Gramática do português brasileiro. Para uma obra que trata da língua falada neste país, seria difícil imaginar um título menos previsível. Quando pensamos no nome de um livro que descreve a língua, a primeira palavra que nos ocorre é “gramática”. E o idioma que tem servido de espaço de comunicação para os 185 milhões de habitantes que o Brasil tem hoje é incontestavelmente isso: o “português brasileiro”. Não nos deixemos enganar pelas aparências: com seu título aparentemente tão banal, esta é uma obra altamente inovadora.

A Gramática é uma ciência milenar. Surgiu associada a preocupações filosóficas e literárias, e desenvolveu descrições da língua que, com o tempo, acabaram constituindo um tema autônomo de estudo. Hoje, teríamos dificuldade em excluí-la dos nossos currículos escolares e do conjunto de conhecimentos que esperamos encontrar nas pessoas cultas. No domínio da língua portuguesa, as primeiras gramáticas apareceram no século XVI, motivadas pela preocupação de dignificar a língua em face do latim e de educar os jovens no conhecimento das variedades mais prestigiadas. Começou assim uma tradição que atravessou os séculos e criou a necessidade de grandes manuais de referência – um papel que, ao longo dos tempos, foi assumido por compêndios como os de Jerônimo Soares Barbosa, Manuel Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Carlos Henrique da Rocha Lima e, mais recentemente, o de Celso Cunha e Luís-Felipe Lindley Cintra, para citar apenas alguns. Ao chamar seu livro de “gramática”, Ataliba Castilho pretende, evidentemente, inserir-se nessa tradição. Mas o modo como o faz é paradoxal, e não poderia ser de outra maneira, dada sua história pessoal.

Ataliba Castilho recebeu sua formação superior na Universidade de São Paulo entre 1956-1960, num contexto em que o estudo da língua vernácula era entendido como estudo da língua em suas fases passadas e a prática mais cultivada era a explicação de escritos medievais. Contrariando essa tendência, nesse mesmo período, ele dedicou sua primeira pesquisa de vulto a um problema linguístico do português contemporâneo, o aspecto verbal. Retrospectivamente, essa escolha marca sua adesão à Linguística, uma disciplina que tinha então um caráter de vanguarda e que, nos anos seguintes, revolucionaria profundamente os estudos da linguagem, no Brasil e no mundo. De fato, desde a década de 1960 até hoje, várias escolas se sucederam na vanguarda dos estudos linguísticos trazendo ideias inteiramente novas – o estruturalismo, o gerativismo, o funcionalismo, para mencionar apenas alguns grandes nomes que o leitor certamente já ouviu.

Desde então teve um papel de primeira importância. Ainda na década de 1960, o encontramos entre os criadores das principais sociedades científicas que temos hoje – a Associação Brasileira de Linguística e o Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Pouco depois, apoiou as ações do Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas e a Associação de Linguística e Filologia da América Latina em nosso país. Essas sociedades científicas foram um espaço privilegiado para a difusão das novas doutrinas, e também para o debate e a circulação de trabalhos escritos de acordo com elas. Além disso, foram um espaço importante para a definição de novas lideranças intelectuais e acabaram por colocar em posição de prestígio uma nova figura de estudioso, a do linguista, distinta das figuras tradicionais do filólogo e do gramático.

Como era de esperar, a circulação das novas ideias, além de alimentar muita controvérsia teórica nem sempre consequente, também teve o efeito desejável de tornar mais amplos e exigentes os estudos que tinham como tema a realidade linguística do país. O linguista americano Haj Ross já descreveu o Brasil como um dos países em que as pessoas mais se empenham em conhecer a fundo a própria língua, em nível mundial. Essa afirmação é certamente correta, mas é importante lembrar que o comprometimento de que fala Ross foi construído, entre 1960 e 1980, pelos primeiros linguistas brasileiros. Aqui também Ataliba Castilho teve um papel importantíssimo, pois criou e sustentou com a determinação dos visionários alguns projetos coletivos de grande envergadura, recrutando por todo o país os nomes mais representativos das novas áreas de estudo que iam se configurando e criando no interior desses projetos um ambiente de trabalho saudável e estimulante. Para entender a gênese deste livro, cabe lembrar, particularmente, o Projeto da Gramática do Português Falado, que teve início na década de 1980. Ataliba Castilho foi seu idealizador e seu coordenador, o que o colocou numa posição privilegiada para acompanhar e orientar o desenvolvimento de algumas das linhas de pesquisa que mais avançaram no conhecimento do português falado no Brasil, durante três décadas.

O livro que ele oferece agora ao leitor é profundamente coerente com essa história e com os compromissos assumidos diante da realidade linguística brasileira pelos linguistas daquela geração. Em vez da atitude do filólogo, que consiste em fazer reviver estados passados da língua a propósito de textos, toma como objeto de estudo a língua em seu estágio atual. Em vez da obsessão prescritiva própria dos gramáticos, que leva a falar de uma língua irreal como se ela existisse de fato, encontramos nele a preocupação de apresentar ao leitor fatos concretamente observados, com todo o rigor possível. Em vez de tomar como referência os textos escritos, elege como amostra preferencial da língua a sua manifestação aparentemente mais caótica – a conversação falada. Em suma, um livro que fala da língua tal como ela é e não recua em face de sua aparente falta de regularidade.

A tudo isso podemos relacionar a decisão, manifesta no título, de tratar de “português brasileiro” e não de “português” em geral. A distinção poderia parecer meramente terminológica, mas não é, porque, no passado, a maioria dos autores que escreveram gramáticas “do português” o fizeram de modo a ressaltar os aspectos que as variedades europeia e sul-americana do português têm em comum; o caso extremo é o da gramática de Celso Cunha e Luís-Felipe Lindley Cintra, cujos exemplos foram procurados de modo a provar que o português europeu e o português sul-americano ilustram exatamente os mesmos fatos gramaticais. Ora, a uniformidade das duas principais variedades do português é até certo ponto real na língua escrita, mas, precisamente por isso, a atenção dada à escrita teve, historicamente, o efeito de mascarar as direções novas que a língua do Brasil ia tomando – isso quando não vinha associada à preocupação de frear essas mesmas mudanças. Em suma, escolher como tema e como título o “português brasileiro” é uma forma de recusar aquele modelo, e voltar-se para a fala é uma maneira de clarear nossa percepção desse objeto com que convivemos diariamente, mas que nos acostumamos a olhar através de filtros cujo poder de distorção tem sido enorme.

Os projetos que Ataliba Castilho dirigiu ao longo dos anos se caracterizaram, sempre, por serem coletivos e abrangentes: promoveram a convivência de orientações diferentes e procuraram reunir competências que permitissem dar cobertura a todos os aspectos da língua. Isso resultou invariavelmente em valorizar a pluralidade de orientações e em garantir uma pesquisa produtiva de todos os aspectos da língua. Encontramos neste livro o mesmo tipo de riqueza, e uma boa prova disso é o seu plano. É bem verdade que dois terços do trabalho são dedicados à sentença e ao período gramatical, temas imprescindíveis em todas as gramáticas que foram escritas desde o século XVII, mas o leitor notará que o tratamento desses temas é adiado para o capítulo “Primeira abordagem da sentença”, sendo os primeiros dedicados a mapear exaustivamente a produção que se refere a outras dimensões do fenômeno linguístico e da língua falada no Brasil. Nesses primeiros capítulos, o autor fala da variação que a língua sofreu no tempo, no espaço e no contexto social e textual de uso, e toma posição sobre a possibilidade de dar um tratamento gramatical ao texto e ao discurso, realidades que têm uma presença marcante na vida dos usuários da língua, mas que mesmo assim sempre foram preteridas pelos gramáticos. É também nesses primeiros capítulos que o autor dá conta de duas questões capitais: saber quais devam ser os objetivos de uma gramática e expor uma concepção própria de linguagem.

Não é difícil entender o quanto esses capítulos “preliminares” são significativos. Na prática, eles levam a uma concepção inteiramente nova do objeto de estudo e dos métodos de trabalho da Gramática. Um fato a assinalar é que as opções aí anunciadas são trabalhadas a fundo, com base numa bibliografia assombrosamente ampla, e são explicitadas com absoluta limpidez – exatamente o contrário do que aconteceu por séculos, já que a tradição consistiu, geralmente, em reduzir a língua à sua versão culta e literária, neutralizando assim todo tipo de variação, e em evitar todo tipo de discussão de método, começando *in medias res* e usando o mesmo plano de sempre, banal e sem riscos. Sabemos, infelizmente, que esse plano resistiu por tanto tempo não porque fosse eficaz, ou abrangente, ou em algum sentido mais esclarecedor, mas porque era o que apresentava menos riscos, garantido que era pela força da inércia.

Algumas palavras precisam então ser ditas sobre a concepção de linguagem que está na base deste livro – a que vem exposta no capítulo “Os sistemas linguísticos” – porque muitos leitores com vocação teórica encontrarão nela uma possibilidade de opção pessoal, e muitos pesquisadores com gosto pela análise se sentirão estimulados a aplicá-la, como de fato já vem acontecendo com toda uma geração de alunos brilhantes que Ataliba Castilho formou nos últimos anos. Ao formular essa concepção de linguagem, Castilho procurou dar uma solução conjunta a dois problemas que sempre se recolocam para a Filosofia da Linguagem e para todos aqueles que se dedicam ao trabalho de descrição e análise das línguas: para que serve, primordialmente, a linguagem humana? Que esquemas tornam mais compreensível a forma e o sentido das mensagens linguísticas? Os autores que tentaram responder à primeira dessas perguntas defrontaram-se historicamente com a alternativa de decidir se a língua serve para a comunicação ou para a construção do pensamento. Castilho pende para esta segunda alternativa, declarando-se devedor de pensadores como o alemão Wilhelm von Humboldt, o inglês M. A. K. Halliday, o francês Gilles Fauconnier, o americano Leonard Talmy e os brasileiros Carlos Franchi e Milton do Nascimento. É fácil entender o porquê dessas referências: uma das ideias mais frequentemente reafirmadas no livro é que a língua não é, primordialmente, uma manipulação de sinais, ou uma combinatória de unidades, mas um conjunto de operações cognitivas.

Para explicar a maneira como a forma e o sentido se compõem nos enunciados linguísticos, muitas soluções diferentes já foram propostas: soluções tipicamente indutivas (por exemplo, a que concebe a análise linguística como uma espécie de compactação, pela qual os textos são transformados em fórmulas) e soluções tipicamente dedutivas, como nas primeiras versões da Gramática Gerativa,

que propunham ao linguista a tarefa de construir por meios matemáticos dispositivos capazes de gerar todos os enunciados bem formados de uma língua, e apenas estes. Dada a complexidade da tarefa, optou-se frequentemente por compartimentar as gramáticas em diferentes módulos ou componentes, entre os quais podia ou não ser estabelecida uma hierarquia. Nesta obra, Castilho defende uma teoria da linguagem lançada por ele há alguns anos, que ele batizou de “multissistêmica”. Como o próprio nome indica, trata-se de uma teoria modular. De acordo com essa teoria, em todo enunciado linguístico, encontramos simultaneamente quatro formas de estruturação: lexical, sintática, semântica e discursiva. Essas quatro formas de estruturação não aparecem hierarquizadas, mas há entre elas uma articulação, garantida por um dispositivo sociocognitivo. Cabe à análise explicar o que acontece em cada uma dessas estruturas, e um dos pressupostos da explicação é que elas não funcionam de maneira estanque nem linear, sendo de regra a interação entre elas. Em suma, para Ataliba de Castilho, quem analisa os enunciados de uma língua envolve-se numa incessante manipulação de funcionamentos cognitivos e deve estar preparado para abandonar o conforto das correspondências biunívocas.

Há em tudo isso um eco dos ensinamentos de alguns funcionalistas do século xx, como M. A. K. Halliday e Simon Dik, e é provavelmente por isso que, ao descrever suas opções teóricas mais importantes, Ataliba Castilho se declara funcionalista. É preciso ressaltar, entretanto, que seu funcionalismo reivindica como fundamento uma concepção de ciência bem mais complexa do que a dos grandes funcionalistas da segunda metade do século xx: aqueles autores se enquadravam na concepção de ciência conhecida como “clássica”, que busca para seus objetos de estudo representações estáticas; ao contrário, Ataliba Castilho assume neste livro a concepção de ciência conhecida como “ciência do caos” ou “ciência dos sistemas complexos”. Desenvolvida por filósofos-cientistas como Gleick, essa filosofia impulsionou os avanços mais recentes das ciências sociais e biológicas, e revelou-se adequada para tratar de sistemas cujos componentes são dinâmicos e têm um comportamento altamente irregular ou parcialmente imprevisível. Para Ataliba Castilho, a linguagem é precisamente isso: um sistema complexo, processual por natureza, dinâmico e até certo ponto imprevisível.

Caracterizar os objetivos de uma gramática como matéria controversa e explicitar a própria concepção de linguagem são decisões de muita transparência e, portanto, de muito risco e coragem, e tem reflexos claros nos capítulos dedicados aos temas “mais tradicionais”. De fato, o leitor verificará nestes últimos que, embora os fenômenos linguísticos tratados sejam “nominalmente” os mesmos a que já se dedicaram muitos autores no passado, na prática, as perguntas feitas e as respostas obtidas não são as mesmas. Como isso é possível?

Há para isso duas explicações mais evidentes. A primeira tem a ver com a maneira como o autor concebe a linguagem. Se ela é um sistema de sistemas, se as unidades são simultaneamente significativas em diferentes dimensões, se é preciso controlar efeitos de sentido que não são previsíveis e automáticos, a explicação de uma unidade linguística terá que ser, necessariamente, uma explicação plural, complexa. O compromisso com explicações altamente articuladas fica reforçado se considerarmos que os enunciados da língua são vistos no contexto de seu desenvolvimento histórico e são postos em confronto com toda uma gama possível de variações. É claro que, assim concebida e situada, a descrição gramatical de uma sentença será sempre muito mais do que uma fórmula que diz como encadear palavras ou como escrever de maneira correta.

Mas a presença de explicações plurais parece responder também a uma outra necessidade íntima do autor, que é no fundo a mesma que o obrigou, nos capítulos iniciais, a apresentar suas decisões teóricas e metodológicas como o resultado de um extenso trabalho de consulta a fontes. Expliquemo-nos: como parte da liderança intelectual que exerceu no país durante décadas, Ataliba Castilho foi sempre um ávido leitor de tudo aquilo que se produziu, no Brasil e no exterior, sobre a língua portuguesa falada nos trópicos. Essa produção é impressionantemente vasta nas últimas

décadas, mas é também muito dispersa, e colecioná-la exigiria um grau de disciplina intelectual e de organização pessoal que poucos têm. Selecionar essa bibliografia dispersa, organizá-la tematicamente, processá-la e comentá-la de acordo com os seus próprios pontos de vista foi mais uma das tarefas a que Ataliba Castilho se propôs ao longo dos anos, e que se reverte nesta gramática. Assim, o livro, ao mesmo tempo em que é pessoal e singular, porque reflete uma experiência da língua que é única, é também uma obra coletiva, plural, ou, melhor dizendo, “polifônica”, porque dá voz a uma enorme legião de pesquisadores que, num passado mais ou menos próximo, trataram do português do Brasil, lançando hipóteses que merecem ser consideradas. O grau de exaustividade alcançado nessa tarefa é notável e isso dá ao livro um caráter por assim dizer enciclopédico, ao mesmo tempo em que faz dele uma obra de referência obrigatória. É mais um traço diferencial em relação às gramáticas de estampo tradicional, que são por definição “*mono*”: monológicas, monódicas e... monótonas.

Voltemos, porém, à ideia de inserção e paradoxo que foi lançada no início deste escrito. Um manual dedicado à descrição da língua falada do Brasil poderia ser chamado “Gramática do português brasileiro” apenas por inércia. Mas ao examinar desse ponto de vista a obra que o leitor tem em mãos, encontramos nela tantas características diferenciais e instigantes que a opção por esse título vai parecendo mais surpreendente a cada passo que se dá e chega, afinal, a parecer uma provocação. O leitor pode entender, agora, por que eu disse, anteriormente, que a inserção desta obra na tradição gramatical se faz de modo paradoxal. Ela se propõe o objetivo clássico de esclarecer a estrutura da língua, mas o faz sem preocupações normativas; ela aborda os mesmos fenômenos sintáticos que têm constituído o cerne das gramáticas ao longo dos últimos séculos, mas o faz com a preocupação de contextualizá-los no tempo e na variação sincrônica, de modo a ressaltar seu caráter histórico e social; e, além disso, ela se orienta por uma concepção de linguagem que é explicitamente definida, a qual obriga a analisar o mesmo enunciado a partir de vários pontos de vista, alguns dos quais são inteiramente novos... Tudo isso, é claro, são transgressões conscientes.

É nas entrelinhas dessas transgressões que podemos identificar o que esta obra tem de mais ambicioso enquanto projeto: ela se propõe a ser uma prova concreta de que é possível fazer gramática de um modo inteiramente novo em relação ao que a tradição nos tem legado. Novo, porque, no futuro, será mais difícil escrever gramáticas da língua sem lembrar que a língua não é apenas uma sintaxe. Novo também porque se trata não de dar respostas mais elegantes aos velhos problemas de sempre, mas sim de provar que, partindo de uma renovada pauta de problemas, conseguimos chegar a uma imagem mais rica e matizada da língua, percebendo uma enorme riqueza que sempre esteve ao nosso alcance e que não conseguíamos ver por falta de lentes apropriadas. Já se disse que, na vida, é mais importante ensinar a pescar do que dar o peixe. Em ciência, pode ser mais importante lançar uma nova pergunta do que polemizar sobre velhas respostas. Quem pode faz, e parece ter sido precisamente isso o que Ataliba Castilho fez aqui. Como colega e colaborador veterano de seus projetos, só posso desejar ao amigo que a semente caia em terra fértil, e que este livro dê os frutos que merece.

Este prefácio poderia terminar aqui. Mas faltou dizer uma última coisa, “por sinal”, uma coisa de peso. Ataliba Castilho é daquelas pessoas que conhecem muito bem a diferença entre seriedade e chatice. Nas linhas que precedem, à minha maneira, falei da seriedade do livro. Mas como seriedade não tem nada a ver com chatice, faltou dizer que este é um livro que se lê com prazer, porque o autor se preocupou o tempo todo em representar seus leitores como interlocutores vivos, dando a eles o direito de discordar, questionar e polemizar. Também por esse ângulo a obra é inovadora e é um bom retrato de seu autor. O leitor descobrirá por sua conta, desde as primeiras páginas, que Ataliba nunca perde a chance de fazer uma boa brincadeira e que, juntamente com sua ciência, soube trazer para um texto que se destina a permanecer o entusiasmo com que viveu seus longos anos de magistério.

INTRODUÇÃO

Há mais de quinhentos anos a língua portuguesa foi trazida ao Brasil. Nos séculos XVI a XVIII foi rotulada como *o português no Brasil*, pois era inteiramente lusitana, e não tinha superado as línguas indígenas. A partir do século XIX, a língua portuguesa tornou-se majoritária, começou a distanciar-se do português europeu, sendo então denominada *português do Brasil*. A partir dos anos 80 do século XX, suprime-se a preposição *do*, e começamos a falar em *português brasileiro*. Sinaliza-se com isso que novos distanciamentos tinham ocorrido, servindo a expressão para designar a identidade linguística dos brasileiros.

Esta *Nova Gramática do português brasileiro* agrega um certificado a mais à nossa identidade. Não se trata de um certificado qualquer, pois é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro. Faltava clarificar a gramática do português brasileiro, para dar status científico à sua percepção. É o que tento fazer neste livro, fruto de cinquenta anos de pesquisas, desenvolvidas nas três universidades oficiais paulistas (Unesp / Marília, Unicamp, USP) e nas universidades do exterior em que realizei estágios de pós-doutorado (Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra, University of Texas at Austin, Cornell University, University of California / San Diego, Georgetown University, Université d'Aix-Marseille, Università degli Studi di Padova).

Não se trata, entretanto, de uma gramática escolar usual, delas se afastando pelas seguintes características:

Esta não é uma gramática-lista, cheia de classificações, em que não se vê a língua, mas uma gramática.

Em lugar disso, procuro olhar o que se esconde por trás das classificações, identificando os processos criativos do português brasileiro que conduziram aos produtos listados.

Esta não é uma gramática ateórica. Nada poderemos fazer em matéria de pesquisa linguística se não dispusermos de alguma teoria, pois lidamos com um objeto escondido em nossas mentes.

Teorias linguísticas há muitas. Mas faz falta uma teoria que postule a língua em seu dinamismo, como um conjunto articulado de processos. Enfrento esta questão nesta gramática. Quando falamos ou quando escrevemos, uma intensa atividade é desencadeada em nossas mentes. Isso ocorre

com enorme rapidez, acionando quatro sistemas linguísticos, cada um deles configurado por um elenco de categorias: o léxico, a semântica, o discurso e a gramática. Esses sistemas são articulados pelos princípios sociocognitivos que regem a conversação, a mais básica das atividades linguísticas.

A teoria multissistêmica aqui exposta tem um forte conteúdo funcionalista-cognitivista. Reconheço que ainda é impossível descrever todos os movimentos mentais envolvidos na atividade linguística. Mas não há dúvida de que em cada som emitido, em cada sinal gráfico lançado ao papel, toma corpo um enorme conhecimento linguístico que foi ativado, permitindo o milagre da compreensão mútua por meio de tão poucos sons e letras, e de tão escassas palavras e construções. Para visualizar esse conhecimento, precisaremos valorizar os indícios da maquinaria linguística. O objetivo das boas gramáticas é desvelar o conhecimento linguístico armazenado na mente dos falantes, desde o cidadão analfabeto até o escritor laureado.

As gramáticas resultam habitualmente do trabalho individual, fundamentando-se na língua literária. Também aqui esta gramática tomou outro rumo.

Para começo de conversa, não acho que os escritores trabalham para nos abastecer de regras gramaticais. Eles exploram ao máximo as potencialidades da língua, segundo um projeto estético próprio. Ora, as regularidades que as gramáticas identificam devem fundamentar-se no uso comum da língua, quando conversamos, quando lemos jornais, como cidadãos de uma democracia. Isso não exclui a fruição das obras literárias, mas é uma completa inversão de propósitos fundamentar-nos nelas para descrever uma língua.

Por outro lado, as línguas são tão complexas, que é impossível trabalhar solitariamente em sua análise. Levando isso em conta, os linguistas brasileiros conceberam a partir da década de 1970 grandes projetos coletivos, produzindo textos multiautorais. Basta lembrar o mais ambicioso e o mais produtivos dentre eles, o Projeto de Gramática do Português Falado, cuja realização propus em 1988. Atuaram nele 32 pesquisadores experientes, recrutados em 12 universidades brasileiras, e divididos em 5 grupos de trabalho. Inicialmente, foram publicados os ensaios produzidos por esses grupos, em oito volumes: Castilho (org. 1990, 1993), Castilho / Basílio (orgs. 1996), Ilari (org. 1992), Kato (org. 1996), Koch (org. 1996), Neves (org. 1999), Abaurre e Rodrigues (orgs. 2002). A partir de 2003, teve início a consolidação dos ensaios nos cinco volumes da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*: Jubran e Koch (orgs. 2006), Ilari e Neves (orgs. 2008), Kato e Nascimento (orgs., 2009), Rodrigues e Alves (orgs., no prelo), Abaurre (org., no prelo).

A presente gramática se insere nesse quadro de preocupações. Filtrei aqui as pesquisas das últimas três décadas a partir de uma ótica própria, propondo seguidamente ao leitor que se envolva nas pesquisas, transformando-se no linguista-gramático dele mesmo. Seguindo esse impulso, esta gramática dá voz a muitos desses pesquisadores, tanto quanto às aulas que fui ministrando ao longo de 47 anos de magistério. Meus alunos me ajudaram muito, com sua curiosidade e com sua recusa a explicações não convincentes. Havia também uns poucos tomados de um grande tédio. Esses também me ajudaram, pois me mostravam que a aula estava um bocado chata. Ora, não temos o direito de dar aulas chatas.

O ritmo expositivo de nossas gramáticas adota o que se poderia chamar de “estilo revelação”. O gramático se transforma numa espécie de Moisés que desce dos altos montes e revela aos povos estupefatos... o que está certo e o que está errado em sua linguagem! Também aqui me distanciei disso.

Imaginei para tanto a seguinte estratégia: compus dois textos articulados, um expositivo, e outro indagativo. Na exposição, falo eu, interpretando os achados da ciência atual. Nas indagações, falam os leitores, por meio das perguntas que imagino que eles estejam formulando. Nossos diálogos imaginários vão em itálico, intercalados no texto expositivo.

O objetivo dessa estratégia é transformar os leitores numa espécie de coautores, recusando que entre eles e a língua que praticam seja obrigatória a interposição de um intérprete, de uma espécie de despachante para problemas gramaticais. Para dar conta desse lance meio calvinista, apresentei perguntas e mais perguntas nestas páginas, ao lado de informações sobre o conhecimento disponível e o fornecimento de pistas sobre como achar novas respostas. Para evitar uma aborrecida listagem de opiniões, que poderia obscurecer o objeto, optei por interpretar os resultados obtidos à luz da já mencionada teoria multissistêmica da língua.

Depois disso, apresento algumas generalizações sobre o retrato do português brasileiro assim obtido. Novas perguntas conducentes à reflexão gramatical foram formuladas no capítulo 15.

As línguas naturais são o ponto mais alto de nossa identidade como indivíduos e como participantes de uma sociedade. Que o digam os quinhentos mil visitantes anuais do Museu da Língua Portuguesa localizado em São Paulo! Tem sido proveitoso testemunhar a emoção desses visitantes por se verem ali representados, por toparem ali com sua identidade. De certa forma, todo mundo sai meio linguista daquelas instalações.

Por fim, pretendo com esta gramática acrescentar um elo a mais na longa tradição das gramáticas de referência, mesmo quando delas me afasto. Esta é uma atividade duas vezes milenar na civilização ocidental, velha de quase meio milênio no domínio da língua portuguesa, quando Fernão de Oliveira publicou, em 1536, nossa primeira gramática. Deixando de lado uma bisonha repulsa aos achados da Gramática tradicional, este livro mostra como as pesquisas linguísticas, na verdade, aprofundaram e enriqueceram esses achados, operando a partir de princípios e aplicando uma metodologia segura. Ou seja, a oposição “linguista *versus* gramático”, bastante cultivada nas décadas de 1960 e 1970, fase em que a Linguística moderna se implantou no Brasil, foi superada pela pesquisa científica. Gramáticos aprimoraram sua formação. Linguistas passaram a ocupar-se com a redação de gramáticas. E todos viveram felizes para sempre.

O público-alvo desta gramática são os professores do ensino médio, os alunos do curso superior, os professores universitários de Linguística Geral e de Linguística do Português Brasileiro, e as pessoas que se sintam atraídas pelo mistério das línguas naturais.

Devo muito às agências de fomento, que me deram condições para a realização deste trabalho, financiando pesquisas no Brasil, e de pós-doutoramento em Portugal (1969), Estados Unidos (1981, 1995, 2000, 2004, 2007), França (1990) e Itália (1997). É de justiça que as enumere: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Comissão Fulbright, Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (Capes) e Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq). Mas devo destacar a Fapesp, que financiou os projetos cujos resultados deságuam nestas páginas: Projeto da Norma Urbana Linguística Culta de São Paulo, Projeto de Gramática do Português Falado, Projeto de História do Português de São Paulo.

Manifesto igualmente minha gratidão aos colegas que leram e criticaram diferentes capítulos, ajudando-me a melhorá-los com seu conhecimento: Carlos Mioto, Leda Bisol, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, Maria Luiza Braga, Mary A. Kato, Milton do Nascimento, Roberto Gomes Camacho, Verena Kewitz. Um agradecimento muito especial a Rodolfo Ilari, que leu todos os capítulos e me ajudou a errar menos. Reconheço também o trabalho atento da preparadora Daniela Marini Iwamoto, entre outros profissionais da Editora Contexto, que me foram de grande ajuda. Desnecessário dizer que os erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.